

O RETORNO PARA ONDE, OU AQUELE, QUE JÁ NÃO É O MESMO

Thais Graciotti

Não tinha visto as nuvens. Lá estão elas agora, suspensas em fileira diante da proa. Foi isso. As nuvens.¹

Estou há semanas no mar.

Anoto tudo que é importante no meu diário de bordo. Faço de hora em hora um relatório da minha viagem. Dou uma olhada e leio os horários: 1h00. 2h00. 3h00. 5h00.

Volto, leio novamente.

As nuvens param. Por um segundo tudo está suspenso. Tem um buraco.²

Pânico.

Olho no aparelho de navegação que me informa onde estou. 20°19'09" de latitude sul e 40°20'50" de longitude oeste. Estranho, não deveria estar nesse ponto do mapa. Estou perdida. Perdida no meio do oceano. Nem olho para o botão vermelho logo acima. Aquele para emergência. MOB, *man overboard*. Não, não vou usar ainda e espero que nunca.³

Começo a falar sozinha.

Fique tranquila.

Raciocine.

Começo a dar ordens para mim mesma.

Ligue o motor.

Defina posição.⁴

Decido confiar no meu instinto e ir pelos meus próprios cálculos, seguindo meus mapas e anotações. Estaria próxima de um pequeno arquipélago, minha intenção de primeira parada. Bem, esse era o plano. Mas parece que os equipamentos estão desnorteados. Ou será eu?

Depois de algumas horas navegando, olho para o horizonte buscando ar para me acalmar. E de repente:

¹ HEIJMANS, Toine. *No mar*. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 8.

² *Ibid.* p.12.

³ *Ibid.* p.102.

⁴ *Ibid.* p.103.

Terra à vista!

Mudo a direção do barco para a terra como se estivesse em busca de um tesouro perdido.

Será uma miragem? Não importa, sigo. É minha única esperança.

Trata-se de uma ilha formada por várias ilhas. Aporto em uma dessas várias ilhotas. Mais especificamente a norte/noroeste dessa ilha maior de mangues e rios, tomada em sua maioria por cadeias montanhosas.

É onde a ilha faz sua curva entre rio e mar, lugar de transição com vista para as montanhas, que encontro eles.

Então a surpresa.

Sou tomada por uma sensação de estar na minha ilha natal. Sim, sou ilhéu, ilhoa, nativa de uma ilhota no meio do mundo. E por conta do vento e das marés, sou levada a outros cantos do oceano, a habitar outras ilhas, na necessidade de sair da ilha para ver a ilha, que não vemos se não saímos de nós.⁵ Mas ilha que sou, ávida por linhas, mesmo que quebradas, procuro unir outros pontos também singulares, compor cruzamentos e entrelinhas, para então ver aonde as marés me levarão. Mas elas acabam por me trazer para esta ilha tão desconhecida quanto conhecida, como se sempre estivesse localizada em meu próprio mapa.

A brisa, o cheiro da maresia... desço com cuidado, devagar, sentindo o tempo que é próprio desse lugar, pois cheguei à ILHA.

Não sei dizer bem, mas acredito que permaneci nessa ilha por algumas semanas, talvez pouco mais de um mês. Aqui a ideia de temporalidade é outra, por isso a incerteza. Desse tempo, por assim dizer consecutivamente, data o aparecimento dos corpos.

⁵ SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 41.

ILHA era mais corpo que rosto. Era poderosa.⁶

Tudo e todos faziam vibrar meu corpo e era visível em todos os detalhes da vida e da natureza circundante. ILHA me tirou o rosto, e dava-me um corpo tufão, maremoto, erupção em corpo. Nesse relato murmurado e entoado, as lembranças, por certo, enganam. Essa vida ilhéu, eu a terei, sem dúvida, mais sonhado que vivido.⁷

Tal memória está ligada aos lugares, ao contorno das montanhas entre seu arquipélago, ao céu da altitude, à leveza do ar pela manhã, quando os pescadores saíam rumo à linha do horizonte. Tudo me lembrava de casa: o cheiro da natureza tropical, o sol que rachava o chão das estradas de terra, a tempestade se armando à tarde, os gritos e ruídos das noites, todo aquele calor, aquele torpor, esse arrepio. Era origem, mas era outro lugar.⁸

Nesse por entre ilhas, aos poucos, passo a fazer parte do dia a dia de lá. Lá que é aqui. Tão longe, tão perto. Nesse lugar que tem seu tempo próprio. Numa vida com tempo. Tempo com brisa, com varinha de pescar no píer em dia de domingo, tempo com pipa, com fruta-pão, com siri, com peixe, sururu e ostra, tempo com cachorros (muitos) na rua, desses que correm atrás de gato, com bêbado, com mutirão para construir a casa do amigo, com meninos que dão mortal de bicicleta na água em um final de tarde, com tempo, tempo de ILHA.

Aparentemente ilhados em seu cotidiano tão comum e tão distante de uma realidade de velocidades frenéticas, os habitantes da ILHA possuem uma relação entre mar e terra de proximidade invejável em tempos de distâncias. Encontro aqui novas linhas de navegação. Em uma ilha formada por ilhas, atendo-me às partes, num olhar de estrangeiro (embora me sinta em meu próprio território) e, em estabilidade de terras firmes, vejo-me em transformação, desestabilizando a proximidade do e com o próximo, afastando o distante, criando memória junto ao outro a partir de potências que nos afetam.

⁶ CLÉZIO, J. M. G. Le. *O africano*. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 12.

⁷ Ibid. p. 19.

⁸ Ibid. p. 84.

Nessa relação da realidade com o mundo e com o outro, em uma temporalidade regida pela vivência interior de cada um, procuro paisagens sensíveis aos corpos e sua presença no mundo.

Fotografo. Busco, no olhar sobre o outro ilhéu, relações de experimentação sobre ele que também sou eu. Trata-se de uma busca por combinações que nos habitam. Desejo criar conexões com os fluxos do mundo partindo de singularidades quaisquer, do qualquer um, dessas que se encontra nos mínimos gestos de um homem comum para então (tentar) encontrar um coletivo com novas individuações, num jogo entre as singularidades e o comum.

Eles não usam palavras quando conversamos. Eles são de um tempo distante, muito longe dos adjetivos, dos substantivos. Eles não dizem, nem sequer pensam: admirável, imenso, poderoso. Mas sou capaz de sentir.⁹

Talvez por isso, a palavra ILHA, branca pelo contraste com a pele negra – em sua maioria nesta ilhota - como significado que também se transforma em forma/desenho quando estampada. Trocamos camisas por sorrisos, adesivos por territórios imaginários desses que provém do olhar. Compartilhamos uma rotina diária e aos poucos vou interferindo nesses corpos, peles, objetos, lugares, e demarcando a palavra em um território que circunscreve mapas/tatuagem de si.

A memória de um corpo-ilha impregnado de existência pessoal torna-se fragmento de seu mundo cotidiano, suas ideias, valores, heranças genéticas e percepções de seu tempo.

Diariamente descobre e re-descobre imagens pessoais, cria-se sentido para os momentos que atravessam esses territórios de passagem, o corpo, expressão, meio de si e do mundo.

Conexões possíveis promovidas em seu processo de singularização, incorporando texturas sensíveis do ser, transformando o indivíduo em um mapa aberto de geografias singulares.

⁹ CLÉZIO, J. M. G. Le. *O africano*. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 9.

As trocas atingem com rapidez as camadas desses corpos diferenciados, que aderem às novas paisagens com naturalidade que impressiona. Deve ser desejo de mundo. Ilhéus do mar, pescadores na vida e no tempo que veem as duas linhas, a do continente e a do mar, lidam com o desconhecido com naturalidade que comove. As novas formas não os surpreendem tanto, é uma postura outra de ser no mundo.

Mas, como já disse, trata-se de uma ilha de demarcações borradas pelo tempo. Moramos em ilhas dentro de nós. Realidades em infundáveis movimentos, como as ondas do mar. Ilha plural. Um navegar constante por entre ilhas, mesmo em meio a tantas tormentas e marés que levam e trazem resquícios de si e do mundo.

Percebo, por meio da imagem dessas pessoas em seu cotidiano, o lugar de um coletivo que preserva a singularidade. Aprendi com os moradores de ILHA a criar pontes por entre ilhas, traçar novas linhas de navegação, desfazendo limites de tempo e territórios definidos, para poder manter-me sempre aberta ao infinito, por todos os lados.

É a partir da insistência de estar num barco rumo ao lugar errado que começo a reconhecer a mim mesma, ou melhor, o meu próprio estranhamento. Fronteiras são cruzadas, territórios são atravessados, mas o final do périplo coincide com o ponto de partida. Se o deslocamento no espaço prometia o encontro com o “outro” radicalmente distinto, ele toma a forma de um (re)encontro comigo mesma, cujo desfecho incontornável é a volta ao começo (o retorno, destino de qualquer viagem, desenha um tempo cíclico, não progressivo). A viagem rumo ao lugar errado ou o encontro com o lugar errado pode expor a instabilidade do lugar certo e, por extensão, a instabilidade do próprio eu.¹⁰

O que quero dizer é que a errância, mais do que a certidão do lugar, pode trazer o caminho a um foco, mesmo que outro. Interromper o *continuum* do percurso e criar um ritmo em combinação com movimentos do acaso. Um espaço para respirar. O retorno para onde, ou aquele, que já não é o mesmo.¹¹

≈

¹⁰ KNOW, Mion. *O lugar errado. Urbânia*. Rio de Janeiro: Pressa Editora, n. 3, 2008, p. 156.

¹¹ Ibid. p. 157.

 galeria homero massena

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura

